

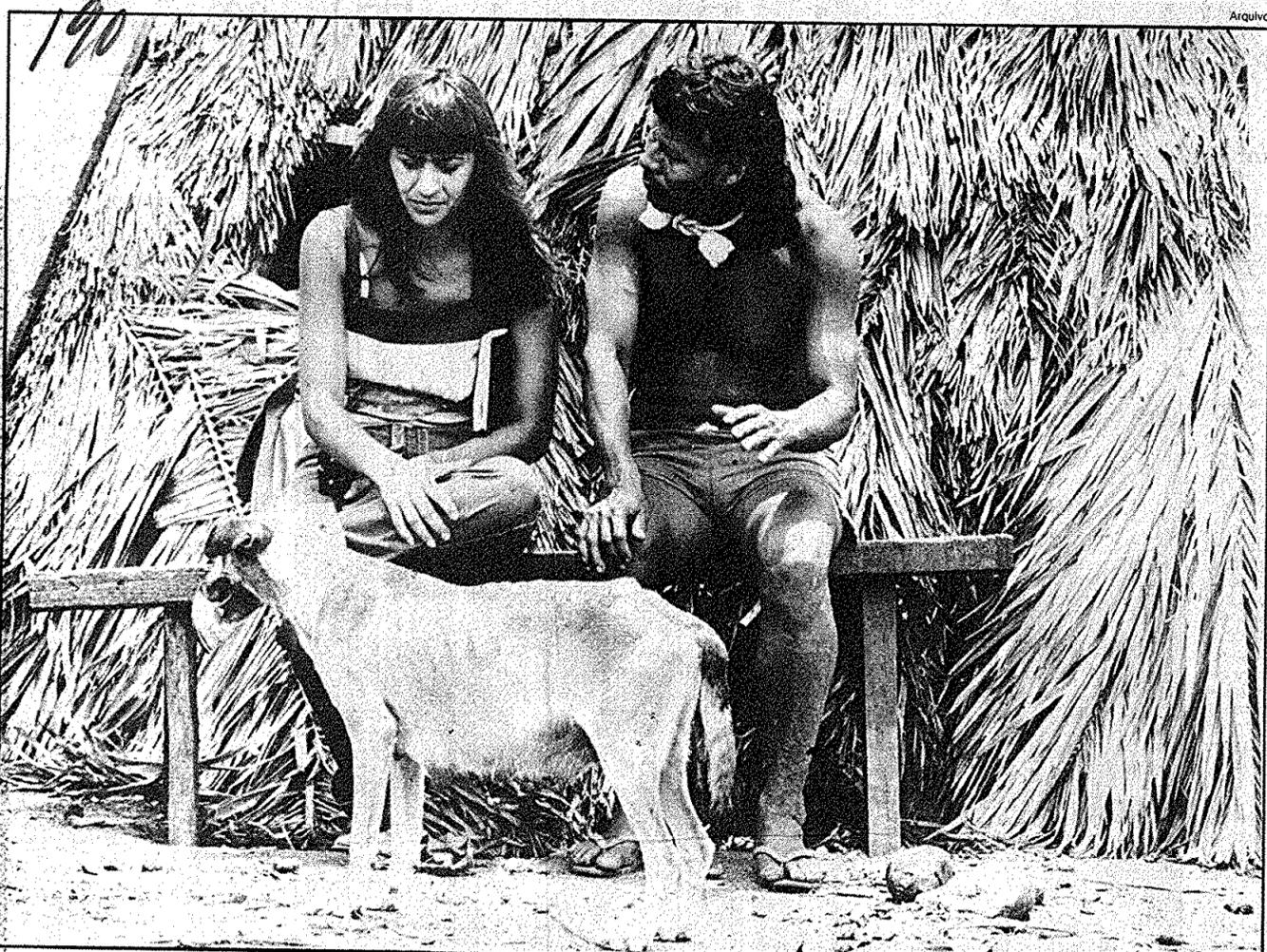
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 1516

Data: 04.02.90 Pg.: _____

YANOMAMIS



Melo indí, jornalista inteira. Memélia Moreira alerta: "Está na hora da ONU vir ver o que está acontecendo no Brasil"

Entre a civilização e a barbárie

O testemunho da miséria e da omissão que matam a selva, os garimpeiros e os índios

Severino Francisco

Na quinta-feira, da semana passada, instituições como a "Anistia Internacional" e a "Survive" lançaram, em Paris, uma campanha em defesa dos índios Yanomamis, de Roraima. Nos garimpos de Roraima reina a lei da selva, que só tem dois artigos: o calibre 38 e o calibre 45. Desde 87, o governo expediu uma ordem de expulsão de antropólogos, médicos e missionários na região. O silêncio foi rompido, no ano passado, através do movimento "Ação pela Cidadania", que formulou um relatório estarecedor sobre a situação.

E, há duas semanas, o governo concedeu autorização para uma visita de médicos do "Medicín do Mo-mo" — que atua em 37 países, sem qualquer vínculo de ideologia — a região dos Yanomami, em Roraima, com a presença da imprensa. Quem esteve por lá constatou cenas de degradação que ultrapassam o limite de qualquer absurdo humano. A jornalista Memélia Moreira — uma das mais experientes profissionais na cobertura da área indígena — ficou quase uma semana sem conseguir dormir em razão do que viu em Roraima. Atualmente, ela trabalha na Assessoria de Imprensa da Procuradoria da República. Memélia elaborou um relato ao procurador Saulo Ramos, que decidiu ir a Roraima ver, ao vivo, o que está acontecendo aos índios Yanomami. Nesta entrevista **Caderno 2 do Jornal de Brasília**, Memélia fala sobre a situação dos 10 mil índios Yanomamis de Roraima, todos doentes de malária, sem assistência médica, sem alimentos e sem força para comer.

Jornal de Brasília — Qual a distância entre os relatos e os fatos ao vivo em relação à situação dos índios Yanomami?

Memélia Moreira — Ver fotografias ou ler relatos é uma coisa. Ver a realidade ao vivo é outra coisa muito diferente. Eu vi cenas de horror. Os índios todos, sem exceção, estão doentes. Estão com malária e, em alguns casos, acumulam malária e tuberculose, sendo que há menos de cinco anos, quando estive por lá, gozavam de uma saúde invejável. Viviam fazendo festa. Hoje estão todos deitados em redes. Não têm força nem para comer. Tem de se alimentar com soro — e não há soro suficiente. Eu carreguei uma mulher e uma filha no colo como se tivesse carregado a minha filha de doze anos, que é meio magrela, sem o menor esforço. Era como se estivesse carregando um bebê. Tem gente que não pode ser transportado da aldeia para o posto de atendimento. E são seis horas, andando com o charco até o peito, da Aldeia 3 até o Papiu.

Você já viu algo semelhante ao que está acontecendo com os Yanomami em Roraima?

— Olha, eu já participei de operações de salvamento como a do caramãe, no Xingu, em 72. Eu já vi os índios Pataxó sem água, mas com saúde. Mas nunca vi nada parecido. Lá você vê a morte na sua frente. Pele e osso é besteira. Você se sente degradado como ser humano.

— E como ficam as crianças?

As crianças são as maiores vítimas. Eu tenho dois tipos de malária, mas isto não altera a minha vida em nada. Mas aquelas crianças não têm como se alimentar. Não têm mais peixe pra comer. Os peixes estão po-



Retirada de garimpeiros, semana passada: apenas simulação?

res. O rio Mucujá, que dava pra ver o fundo, virou um leite aguado. O Rio Branco está amarelo. O Catrimani, o Uraricaá, o Uraricoera estão amarelos. Não existe qualquer tipo de controle. Evidentemente não existe caça, pois ela vai embora com o barulho dos aviões e dos garimpeiros. O que está em risco é a sobrevivência física. Nós nem estamos tocando na destruturação social e cultural. Os índios não conseguem nem mais urucum pra se pintar. Eles pegam palha no mato pra se enfeitar.

— Que tipo de assistência existe para os índios?

— Existem quatro médicos para cuidar de 10 mil índios doentes. E desta vez a Funai fez tudo para as coisas darem certo. Pagou diária para os agentes da Polícia Federal retirarem os garimpeiros. Mas, a esta altura, nem sei se a grande questão é retirar os garimpeiros. A questão é também salvar os garimpeiros. Eles também estão famintos e doentes. Existem quatro casos de Aids entre os índios. E não se sabe quantos casos entre os garimpeiros, pois a prostituição é algo muito comum. Há oito minutos de voo de Papiu existem prostitutas.

— O que é preciso fazer, em primeiro lugar, para se reverter esta situação?

— Primeiro, as autoridades do País — as responsáveis — porque existem autoridades irresponsáveis — deveriam ir lá para ver o que está acontecendo. Não adianta mandar equipe. Genocídio é uma palavra muito forte. Só se pode usá-la para crimes premeditados como os cometidos por Hitler. Mas há também o

da idade da pedra para a blenorragia direto" — comenta Memélia. Na construção da estrada Cuiabá-Santarém setenta e nove por cento dos índios Krenakarori foram dizimados.

Mas ela também ajudou a ganhar algumas brigas a favor dos índios. Em 80, o Banco Central elaborou um projeto para a BR-364, passando pelo território Nhambiquara. Os grupos ligados aos índios se mobilizaram, entraram em contato com instituições internacionais e a pressão bateu no Banco Mundial. "Foi uma vitória. O Banco exigiu atendimento médico e demarcação das terras — relembra Memélia.

Em 80, ela participou do Tribunal Bertrand Russel — instituição de defesa dos direitos civis, integrada por intelectuais do mundo inteiro — como testemunha (de defesa) dos índios Tucanos, do Rio Negro e dos índios Yanomamis, de Roraima, ameaçados por projetos do governo brasileiro. Memélia se mantém em contato com instituições como a "Anistia Internacional" ou a "Survive" (especialmente da Inglaterra, França, Alemanha): "Não me illo a nenhuma delas porque é a mesma coisa que você se filiar a um partido". — comenta Memélia.

genocídio por omissão. É o que está acontecendo por lá. Soberania Nacional não se faz em cima de cadáveres. Como falar em Segurança Nacional se os garimpos são a ponta visível do tráfico de drogas? Já se sabe de dois casos de narcotráfico em pistas de pouso da região. Ali é um ponto estratégico. Está perto de Medellín. Com esta situação o País está à beira da barbárie. E ao que se sabe até o surgimento do Projeto Calha Norte a nossa fronteira nunca esteve ameaçada. A Guiana vai invadir o Amapá? É ridículo! Esta não é a ideologia da Segurança Nacional. É a ideologia da morte. Isto tira o Brasil de qualquer perspectiva de participar do mundo civilizado, ocidental. Qualquer europeu civilizado vai considerar o Brasil um lugar de barbárie.

— Ainda existe alguma possibilidade de salvar os Yanomamis?

— Para salvar o índio não se pode fazer apenas um programa de um mês. É preciso até mesmo instalar um hospital de Campanha na região de Surucucus. É preciso um acompanhamento médico. A malária de lá, a "fauciparum", é a mais resistente. Não existe nenhum laboratorista para realizar os exames. Se o governo agir com energia, deslocando equipes para trabalhar lá, direto, daqui a uns dois anos é possível que a situação retorne ao equilíbrio, os rios se recuperem e a caça volte sem o barulho.

— E como vê a operação de retirada dos garimpeiros?

— Na verdade não existe operação de retirada. Os garimpeiros estão saindo de lá porque estão doentes ou porque o ouro acabou em Papiu. Eles estão indo para o Alto Catrimani, onde vão provocar a destruição das tribos que ainda estão menos doentes. E os garimpeiros não são os grandes beneficiários. O trabalho deles é quase semi-escravo. Se fossem ricos não estariam morrendo de fome. Oito mil entre os 10 mil garimpeiros são do Maranhão. Porquê? Porque não têm terra para plantar. Não haveria este problema se o País tivesse vergonha na cara e fizesse uma reforma agrária. O Maranhão é o Estado com maior índice de violência no campo, ao lado de Tocantins, no Sul do Pará.

— E como vê a atuação dos políticos em relação à situação dos índios Yanomami?

— A postura dos políticos de Roraima é absurdamente oportunista. Os donos de garimpos são todos candidatos ao Senado: E serão eleitos por quem? Pelos garimpeiros. Aqui em Brasília, Severo Gomes e Sigmaringa Seixas são pessoas interessadas na questão. Este trabalho de gabinete é muito importante. Se não fosse isto os índios já tinham morrido. Mas ainda é um pingo d'água para o que são as necessidades dos índios. Eu acho que Roraima é a fronteira da barbárie ou da civilização. É lá que o País está fazendo uma opção por uma coisa ou por outra.

— Que perspectivas vê para os índios brasileiros a médio prazo?

— Olha, eu só vejo solução para os índios contactados há mais de 40 ou 50 anos. É o caso dos Terena. É o caso dos índios Kaingangue. Já os "Bororó", que são vizinhos, não têm muitas chances. E o Xingu continua sendo a vitrine do indigenismo brasileiro. Os índios do Xingu são a metáfora do indigenismo brasileiro. É o índio como metáfora de um índio que não existe na realidade.